

CAMINHADA DO CIMI - AVALIAÇÃO

CEDI - P. I. B.
DATA 03, 11, 86
COD. J1D00012

As linhas de Ação Pastoral escolhidas pelo CIMI na 1ª assembleia Nacional - confirmada nas seguintes, são uma resposta à situação dos povos indígenas. Queremos basear nossa avaliação nestas linhas enfatizando:

- A participação dos Índios (AUTODETERMINAÇÃO)
- A contribuição do CIMI neste processo (AVALIAÇÃO)

Esta parte é análise e interpretação dos dados colocados no esquema "Periclitização da história da Igreja", fornecido pelo CIMI Nacional.

Complementando esta análise acompanha uma história da atuação do CIMI em que salientamos a estreita ligação com a Igreja do Regional, as atividades junto à sociedade envolvente, o relacionamento com a FUNAI.

RESUMO DA SITUAÇÃO EM 1972

TERRA: Em 72 não existia nenhuma reserva indígena definitivamente demarcada. O começo da década de 70 viu a construção da Transamazônica com a penetração na terra dos PARAKANÃ, ARARA, e em seguida as grandes barragens entre as hidrelétricas de Tucuruí.

O começo da Perimetral Norte determinou a penetração no território OYAMPÍ. Os PARAKANÃ foram atraídos em 74, 76 e 83.

Os ARARA em 81 - OS OYAMPÍ em 76

Desde 73 assistimos à invasão maciça da terra também por parte de fazendeiros e posseiros.

Esta década viu também a abertura de garimpos na terra KAYPÓ, OYAMPÍ e MUNDURUKU.

O ano de 80 viu a abertura da rodovia BR 156 atravessando a reserva dos KARIPUNA, GALIBI e PALIKUR.

Os anos de 81 e 82 viram a implantação dos projetos econômicos da FUNAI em todas as áreas indígenas. Os mesmos continuam em parte em 83.

Atualmente nos deparamos com o Projeto Carajás e com o "Projeto Ferro Carajás": APOIO às comunidades indígenas (Xirkin, Suruí, Parakanã e Gavião). Acompanha um estudo específico sobre o impacto deste projeto sobre as populações indígenas.

CULTURA - ÉTNIA: Em quase todos os povos de nosso regional a situação no começo dos anos 70 era de transformação rápida rumo à sociedade branca. Chegava-se até negar a própria identidade, renegar ou simplesmente abandonar as tradições e costumes.

LÍNGUA: Abandono progressivo da língua. Valorização dos que falavam português. Escola só de branco em vista de uma integração. Ausência da alfabetização na língua.

AUTODETERMINAÇÃO: Falta da consciência dos próprios valores culturais. Falta de conhecimento dos mecanismos da sociedade envolvente. Dependência quase completa - externa (FUNAI, Igreja, FAB). Chegando-se até exploração dos produtos e trabalhos indígenas.

SOCIEDADE ENVOLVENTE: Cheia de estereótipos quanto aos Índios.

Igreja: interessada na catequese civilizadora, com excessões.

Antropólogos: interessados em aspectos secundários da cultura a fim de es- tudo, com excessões.

GALIBI-KARIPUNA-PALIKUR:

RECUPERAÇÃO OU PRESERVAÇÃO DAS TERRAS E RIQUEZAS NATURAIS

1975: 1ª Assembléia Nacional e determinação em ter reserva demarcada.

1977 - 79: Estudos, encontros, confrontos para determinar os limites da área.

1979: Ameaça de interromper os trabalhos da PLANTEL se não fossem atendidas as reivindicações da comunidade quanto aos limites da área.

Grande festa em Kumarumã pela conclusão da demarcação conforme o desejo da comunidade.

1980: Confronto com Governo, FUNAI, Exército e órgãos federais quanto às exigências para passagem da BR 156 dentro dos limites da reserva.

Vigilância constante sobre os limites da reserva e possíveis invasões.

1983: Foi desativada a fazenda de bufalinos do exército dentro da área, depois de anos de confronto e pressões por parte da comunidade Galibi.

Consciência étnica e recuperação cultural:

- Afirmação clara de sua identidade frente à sociedade envolvente.

- Orgulho étnico pelas próprias tradições, costumes, trabalhos.

- Recuperação da dança do turé, artesanato.

- Desejo de recuperar a história.

- A afirmação clara da própria língua.

- Valorização das lideranças.

- Professores, enfermeiros, administradores índios.

Consciência política e reorganização política interna:

Aumentou muito a visão de conjunto da situação dos povos índios no Brasil e a consciência da pressão por parte da sociedade dominante. Isto foi devido em boa parte à frequente participação dos representantes de cada aldeia em assembléias nacionais. As mesmas assembléias motivaram os contatos, com outros grupos (visita aos Munduruku, Tembê) e o apoio a povos em situação difícil (Tembê, Tapirapê).

Valorização dos Tuxauas e da opinião da tribo frente à FUNAI, Governo e estrangeiros.

Exemplos:

- Chefe de posto da FUNAI é convidado e ir embora quando não é de agrado da comunidade.

- Os Karipuna tomaram conta da escola do Governo, e os restantes se expressam quanto à idoneidade dos professores de fora.

- Posicionamento quanto a presença do Summer.

- Posicionamento crítico e até troca do tuxaua quando a comunidade acha oportuno.

- Valorização do conselho tribal, opinião da comunidade, opinião das mulheres.

- Posicionamento crítico à respeito das pessoas que atuam na aldeia (FUNAI, CIMI, técnicos agrícolas, professores, visitantes).

- ESCOLAS indígenas na língua e controle das escolas em português.
- Atendente de enfermagem indígenas.
- Cooperativas indígenas e controle dos projetos da FUNAI.
- Recusa do projeto da FUNAI por parte da comunidade Karipuna do Espírito Santo.
- Posicionamento contra a FUNAI, contra a exclusão do pessoal do CIMI da área indígena (78-80-81).

TEMBÉ

Recuperação e preservação das terras e riquezas naturais

- Múltiplos protestos e pressões na FUNAI a começar de 78.
- 80 um grupo de Tembê queima a ponte que liga uma estrada de acesso à reserva.
- 81 recusa da emancipação através do loteamento da terra.

Consciência étnica e recuperação cultural:

Estava em estaca zero, sendo um povo miscégenado e tendo perdido a língua, expressões culturais e consciência de povo.

Agora se consideram índios, e procuram recuperar expressões culturais do passado (festa, artesanato, língua) como meio de defesa.

Apesar disso a divisão predomina.

Visita aos Tembê do Gurupi para se unir e conhecer as tradições Tembê e a língua.

INDEPENDÊNCIA CULTURAL E POLÍTICA:

Construção de uma escola da comunidade.

Convite e apoio ao pessoal do CIMI ( tem 02 voluntárias assumidas pela comunidade).

Consciência crítica quanto à FUNAI e invasão das terras.

- reuniões e reflexões, esforço para uma ação conjunta.
- contestação da invasão da terra.
- contestação dos critérios de indianidade.
- contestação da tentativa de emancipação.
- participação de assembléias externas, mesmo sem consentimento da FUNAI.

DIFICULDADES:

Forte influência da FUNAI

Divisão interna e ausência de chefia

Praticamente os Tembê estão perdendo sua terra.

Desconhecimento da identidade étnica dos Tembê por parte da Igreja local.

ÁREA DO TOCANTINS: GAVIÃO, SURUI, XIKRIN, ASSURINI, PARAKANÁ

SINAIS DE AUTODETERMINAÇÃO

Recuperação e preservação das terras e riquezas naturais

GAVIÃO: - conseguiram a demarcação da reserva, o controle da castanha, madeira e demais produção.

- conseguiram uma justa indenização pela passagem da linha de transmissão e estrada de ferro.

DIFICULDADE: destruição da economia tribal.

Aliança com fazendeiros contra os posseiros

A passagem da estrada de ferro

SURUI: recuperação de três castanhais dentro da reserva  
Parcial controle da castanha e demais produção.

Reivindicação atual para recuperar o antigo território,  
tribal excluído pela demarcação.

DIFICULDADES: a estrada que vai até aldeia.

Venda de madeira por Índios isolados.

XIKRIN: consciência da invasão de 30% da reserva

Invasão da fazenda invasora. Pressão constante para que saia.

DIFICULDADES: acordo para arrendamento de parte da reserva para pastagem.  
Proximidade e contato constante com DOCEGEL.

São os mais diretamente atingidos pelo Projeto Carajás.

ASSURINI: Limpeza da área de invasores (fazendeiros e pescadores)

PARAKANÃ: O único sinal que encontramos é a reivindicação da demarcação a-  
presentada pela delegação Parakanã na assembléia indígena nacional de Kumarumã.

Consciência étnica e recuperação cultural

EM GERAL: Afirmação clara da própria identidade cultural.

Recuperação das festas.

Entre os Gavião, recuperação da forma circular da nova aldeia em alvenaria.

Entre os Surui, recuperação de algumas tradições culturais.

Valorização da própria língua (alfabetização).

Surui, ser batizados sem deixar de ser Índio.

DIFICULDADES: Projeto Carajás que visa o contrário

Gavião: muito dinheiro

Surui: contato frequente com as vilas perto da aldeia; presença constante  
de pessoal externo na aldeia.

Parakanã: contato indiscriminado e perda rápida de elementos importantes  
da cultura (casa dos fumantes).

Xikrin: contato constante com DOCEGEL.

Consciência política e reorganização política interna: Independência

GAVIÃO: não aceitação do "chefe" externo.

Expulsão das Novas Tribos.

Reunião de vários grupos sob uma única chefia.

Controle dos visitantes.

Controle total dos recursos da reserva.

DIFICULDADES: Falta uma visão de conjunto. Os Gavião são voltados aos Ga-  
vião e isto permite controle da FUNAI pela desinformação e chantagem.

SURUI: Controle parcial da economia.

Desejo de escola própria nos moldes culturais da tribo.

Posicionamento crítico quanto a FUNAI.

DIFICULDADE: falta uma liderança forte.

ASSURINI e PARAKANÃ: Forte dependência da FUNAI e ausência de uma lideran-  
ça forte.

XIKRIN: Devido ao isolamento ainda conservam sua organização tribal. Sua  
independência está ameaçada.

Falamos de Metodologia em vista de encontrar um instrumento de Avaliação para avaliar a caminhada do CIMI, rumo à Autodeterminação dos Povos Indígenas. Achemos importante na Assembleia Nacional analisar a fundo alguns casos concretos, partindo dos diferentes tipos de presença nas aldeias.

(O CIMI <sup>Norte II</sup> tem uma publicação que descreve o processo "educação" entre os Karipuna e Galibi.)

1- O primeiro contato com um povo Índio visa CONHECER e SER CONHECIDO:

- A partir do ÍNDIO (fitas, fotos, recados de outros Índios).
- Valorizando o que é do ÍNDIO (fitas na língua, cantos e músicas, respeito e apreciação por qualquer manifestação cultural e pela palavra do Índio).

2- Partindo da REALIDADE:

- Construimos a história e a devolvemos para os Índios.
- Ouvir e captar os problemas e as reivindicações dos Índios.
- Estimular a compreensão da realidade local, através de informação sobre fatos ocorridos em outros povos Índios.

Tudo isto através de um PROCESSO, que partindo da problemática concreta provoque e estimule uma REFLEXÃO-AÇÃO contínua. Isto permite o nascer de uma consciência crítica sempre mais abrangente e fundamentada nos fatos e exige uma revisão constante da ação decorrente da prática refletida.

Os Índios se interessam muito, porque a análise parte sempre de fatos. Por exemplo, nunca a gente critica diretamente a FUNAI; nos limitamos em apresentar fatos, problemas, palavra de Índios, e estimular a reflexão comparando com a realidade local. A conclusão é do pessoal. A ação segue naturalmente, às vezes dos próprios Índios, às vezes sugerida por nós (na aldeia tal, os Índios fizeram assim).

3- No decorrer do processo, entra a participação do CIMI, por exemplo nos projetos: economia, saúde, educação, intercontatos, participação nas assembleias.

Os projetos surgem como resposta a uma necessidade do grupo, são programados com a comunidade e são executados em conjunto visando duas linhas: a recuperação e o fortalecimento dos valores culturais e a autonomia (língua, economia, saúde, administração).

4- A experiência de uma aldeia é comunicado às outras gerando intercâmbio, interesse e novas idéias.

Quando o problema não é só local o CIMI inicia, acompanha e denuncia junto a sociedade envolvente, como foi o caso dos Parakanã, Tembê. Este trabalho é mais descrito na história corrida do CIMI NORTE II.

5- Quanto a RELIGIÃO encontramos 03 tipos de situação.

A - Povos INDÍGENAS CRISTÃOS. Partindo das exigências quanto ao batismo das crianças, tentamos mostrar como a religião tem que ser libertadora e indígena. O processo descrito anteriormente foi aplicado neste campo também, assim como por exemplo na ESCOLARIZAÇÃO. Não somos contra a escola, mas procuramos chegar à uma escola alternativa e voltada para o Índio.

B- Povos INDÍGENAS não cristãos que pedem o batismo.

É o mesmo processo da letra A, só que devido à situação exige:

- Conhecimento da língua
- Estudo das motivações

- Preparação por tempo indeterminado, isto é suficiente
  - Aceitamos só se toda aldeia pede e está de acordo
- C - Povos INDÍGENAS não cristãos:

- Excluimos uma proposta explicita, imediata.
- Quando os índios perguntam explicamos as razões de nossa vida e fé.
- Procuramos conhecer a religião deles e suas manifestações. Valorizamos e quando se apresenta a ocasião falamos dos fatos em comum com a mensagem de Cristo.

#### DIFICULDADES - LIMITAÇÕES

1- Extensão do regional e falta de missionários, que determinaram visitas espaçadas no tempo e impossibilidade de levar para frente o processo. Cerca dos 50% - dos povos índios são desconhecidos e com outros o contato é insuficiente.  
por nós

2- O conhecimento da língua é essencial para conhecer a realidade e para um diálogo com o índio. Apesar dos esforços e caminho feito, ainda estamos longe.

3- Metodologia e situações bem diferentes nas bases do regional. Faltou contato e intercâmbio e uma revisão conjunta de nossa ação.

4- Casos em que os índios se apoiam muito em nós, esperando uma solução.

5- Frente às situações de emergência não respeitamos todas as etapas do processo (ex. preparação básica dos voluntários)

6- O maior desafio que o nosso regional atualmente enfrenta é o Projeto Carajás. Um estudo separado publicado pelos regionais MA/GO/NORIE II apresenta o impacto deste projeto sobre as populações indígenas.